



GESTEIRA, Sérgio Martagão, SECCO, Carmen Lucia Tindó e SILVEIRA, Jorge Fernandes da. **Nota Editorial: Volume 11.** *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 11, Julho 2012. [<http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br>]

NOTA EDITORIAL: VOLUME 11

Organizadores: Carmen Lucia Tindó Secco (UFRJ),
Jorge Fernandes da Silveira (UFRJ) e Sérgio Martagão Gesteira (UFRJ)

É próprio do cânone certa marca inercial a torná-lo refratário à expansão de território. Ele estabelece e prontamente estabiliza o edifício casteleiro de seu sonho privativo. Os que assomam às suas cercanias nem sempre atinam que muito do que ali se edificou é, como toda obra humana, matéria inconclusa, e os andaimes que o suportam não conhecem a eternidade que aparentemente o erigiu. Por isso, em cada época, ou no trânsito entre as épocas, o cânone assiste ao ruir de parte de sua cidadela, o que lhe renova, sem dúvida, os ares – apesar do obstinado zelo dos que a vigiam.

Também no terreno poético, o cânone, pela índole hierarquizante e perfil conservador – necessários, de resto, para a memória artística – parece exibir um desconcertado fascínio pelo reino de alguma paradoxal normatividade lírica, no esquecimento de que o lirismo provém de incursões até as derradeiras margens do discurso, lá onde, muitas vezes, o sentido se pôs, ou foi posto, em clausura.

É dessas margens de exílio que a *Diadorim 11* busca ouvir as vozes cujo canto não alcançou os domínios da fortaleza lírica. Quer por um gesto mais ou menos ostensivo da desatenção crítica, só aqui e ali contido por algumas finas e esparsas sintonias, quer pela ressonância de outras tantas vozes a ocuparem o proscênio das instâncias da consagração literária, a poesia que aqui se considera não terá trilhado, por certo, as rotas mais prestigiosas nos mapas da historiografia.

O empenho em revisitar o legado de autores e textos encobertos por camadas mais ou menos espessas de indiferença ou desprestígio é, sem dúvida, uma das faces mais eticamente prezáveis do exercício crítico. O norte, assim, não é tanto algum desejo, porventura iconoclasta, de se opor ao discurso que gira ao redor do cânone, cansativamente relembrando-o para o eterno retorno de enfadonhas lembranças; nem, a rigor – por mais que isso possa tornar-se inevitável –, da antecâmara para canonizações novas, mais ou menos extravagantes. O universo em que o resgate desses textos se dá

pauta-se por um efetivo exercício de delicadeza na consideração da alteridade, no cuidado de promover à voz os discursos singulares que mobilizam estratégias expressivas eventualmente contrastantes com o pacto dos valores mais incidentes no cânone.

A presente *Diadorim* reúne entrevistas e artigos sobre poesia em língua portuguesa. “Vozes da lírica à margem do cânone” inicia-se pelas entrevistas, devido à natureza predominantemente teórica e mais genérica das perguntas comuns propostas a cada um dos entrevistados. Seguem-se os artigos em literatura brasileira, que incidem sobre autores e obras das últimas décadas do século XIX até a segunda fase do nosso Modernismo; os de literatura portuguesa, que têm como marco a “Poesia 61”; e os de literaturas africanas em língua portuguesa, que tomam por baliza temporal a poesia produzida a partir de 1950.

Em literatura brasileira, no tempo que medeia entre 1880 e 1930, conta a *Diadorim 11* com a entrevista de Ivan Junqueira, na qual o grande poeta tece concisas e argutas considerações sobre a releitura que a crítica elabora continuamente quanto à tradição lírica, defendendo que o cânone “deve estar sempre (mesmo que precariamente) estabelecido” da mesma forma como também “deve ser continuamente revisto”. Nos textos seguintes, vozes mais ou menos ou muito pouco conhecidas no percurso de nossa literatura tornam-se objeto de consistentes análises. E, quando não à margem, colhem-se delas aspectos que se distinguem por ocuparem menor incidência crítica. Assim, inicia-se a seção relativa à literatura brasileira com dois ensaios, o primeiro dos quais, de Eduardo Coelho, se volta para a consideração de figura decididamente posta à margem da validação do nosso Modernismo, o paulistano Luís Aranha; e o segundo, de Flávia Amparo, debruça-se sobre a parte menos prestigiosa do riquíssimo legado machadiano, ouvindo o diálogo da poesia de *Ocidentais* com a tradição poética e filosófica de nomes insígnies da tradição, como Dante, Goethe, Schopenhauer e outros. Em seguida, Francine Ricieri flagra um aspecto bastante original na face macabra que se revela em versos de Alphonsus de Guimaraens. José Geraldo Marques acolhe a circunstância histórica a suscitar a lírica que dá voz ao negro e a modula de diversa forma em *O Getulino*, semanário de Campinas, SP, que circulou entre 1923 e 1926. Por fim, Pedro Marques fecha os estudos relativos à literatura brasileira, analisando Olegário Mariano, Jorge de Lima e Ascenso Ferreira, na proposta de soluções que dialogam dentro da questão nacionalista, destacando, quanto a cada um, as marcas de especificidade. Como se observa, o conjunto desses artigos se volta ou para nomes não consagrados pela tradição historiográfica, ou, quando já conhecidos e até eminentes, seleciona ou sublinha, quanto a estes, facetas ou ângulos mais inusitados, que conferem a tais estudos uma assinalável originalidade.

“Há os grandes poetas, e há os poetas que nos cortam a respiração crítica”. Diz Joana Matos Frias, na entrevista, em desenvolvimento à resposta sobre o estabelecimento do cânone e a sua revisão nas literaturas brasileira e portuguesa. Grandes são os poetas cujos poemas buscam sentido para o

mundo seu contemporâneo e formam futuros leitores em contextos de realidade e ficção. São chamados canônicos esses poetas que nos contam os seus sonhos e de outros mundos são o valor e a medida. Os que cortam a respiração e obrigam a repensar e a reestruturar todo um sistema crítico, ainda segundo a nossa entrevistada, são imensuráveis, estão situados à terceira margem do cânone, isto é, nos apresentam uma mundividência extraordinária, em que o que próprio do literário, a tensão entre o mítico e o histórico, é uma zona complexa de pontos cegos contra a nossa educada percepção.

Maior ou menor seja o grau de obscuridade entre o verso e o universo, tendo o leitor como intérprete, os cinco ensaios que compõem este número aceitaram o desafio de pôr a poesia portuguesa do Século XX no Século XXI em diálogo com a temática deste número. António Carlos Cortez propõe-se a ir além da chamada “constelação dominante” de nomes que se repetem a cada nova geração de novíssimos, chamando a atenção para um repertório de imagens ditas inovadoras. São 10 os jovens poetas (entre eles 2 mulheres) eleitos para o desenvolvimento da interessante proposta de que é o poema que faz o poeta, e não o contrário. Ao privilegiar um dos mais caros valores contrários à subjetividade em poesia, o metapoema, o ensaísta mantém um pé na modernidade, com o qual toca em nomes canônicos e incontornáveis, e com o outro avança na revisão crítica da “poesia de la experiencia”, ainda em moda, por meio, não da desqualificação da narratividade, do que se conta hoje no poema, mas sim da reconsideração da metáfora e da imagem no canto poético que já atravessa o Século XXI. Propósito muito bem articulado, aliás, no ensaio de Luis Maffei. Numa interlocução entre o trabalho poético de Sophia de Mello Breyner Andresen e de Ruy Belo, aprende-se que na tensão entre o Poema e a História quem ganha é a defesa do mundo como um território de linguagens escritas e lidas em liberdade. Trabalho libertário em mão masculina e feminina que, não sem ironia, já apontara Maffei nos seus poetas, é o principal adereço da poesia de Adília Lopes, lida por Maria Heloisa Martins Dias. Sem desmerecer a grandeza do ofício poético, entre o luxo das figuras herdadas e o lixo dos resíduos acumulados, a palavra de ordem agora é faxina. Adília mete a mão na matéria-prima do poema, bem à maneira dos anos 70, e faz um trabalho de casa que, à sua maneira, vai ao encontro da mais emblemática (canônica?) poeta-mulher portuguesa da segunda metade do século passado, Luiza Neto Jorge. Presença viva no texto de Rodrigo Machado, “a metamorfose da alteridade poética feminina”, intitulada, exige uma despreconceituosa atenção à educação para ler a mulher através dos seus sinais de feminilidade, vistos, agora do avesso, por uma ótica transgressora que põe à luz do quotidiano, a nu, uma sexualidade ainda reprimida. Seja ela ou seja ele, a fala da escrita portuguesa leva sempre ao mar. O último ensaio aqui apresentado, de Rodrigo da Costa Araujo, sobre Al Berto, é uma boa demonstração do que os veteranos neste número, Sophia e Ruy, já problematizaram. Ser português e estar na linguagem, isto é, ser poeta, implica ter um corpo como se fosse um *corpus* em viagem, quer dizer, um objeto, no qual se ins-

crevem os signos de uma identidade a ser reconhecida. Reconhecida de novo, outra, mais uma vez? Ou ser conhecida? Uma identidade a ser vista como se fosse pela primeira vez. Talvez esta seja a questão posta por Joana Matos Frias, entre os poetas que contam (acumulam) e os que cortam (suspendem) a respiração.

Também questionando o cânone, o poeta e jornalista angolano João Melo, por sua vez, declara em resposta à entrevista: “– Não tenho escolas / nem gurus. / A linha da poesia/ é a linha da vida”. Para ele, a poesia é uma forma de sobreviver, de enfrentar a corrosão inevitável do tempo. Sendo múltiplos os caminhos poéticos, não considera recomendável encerrá-los em conceituações, cânones e teorias que possam castrar a polissemia dos versos. Lembra que cânone é poder, sendo sagrado por instâncias culturais, acadêmicas, jornalísticas, ideológicas, políticas, mercadológicas. Por isso, não se mostra preocupado com a consagração de obras literárias por instituições, prêmios, academias. Entende a poesia como “trapaça salutar” capaz de colocar a “língua fora do poder”. Na visão de João Melo, “o poeta deve ser um artesão e, quando escreve, devem doer-lhe não apenas o espírito e a alma, mas as mãos. Um bom poema tem de sangrar nas mãos”.

Os artigos de literaturas africanas em língua portuguesa apresentam dois ensaios que tecem a discussão do cânone por um viés mais teórico, denunciando a discriminação das letras africanas, durante séculos: o de Ana Mafalda Leite e o de Laura Padilha. A primeira chama atenção para a necessidade da construção de histórias da literatura dos países africanos de língua portuguesa que levem em consideração as especificidades das literaturas pós-coloniais e repensem o cânone, de modo crítico. A segunda estuda o cânone ocidental e sua política de silêncio, refletindo acerca do não lugar da lírica feminina na produção literária dos países que foram colonizados por Portugal; analisa também vozes poéticas femininas que, em 1960 e 1980, produziram uma poesia transgressora que deu visibilidade à mulher africana.

Os demais artigos de literaturas africanas focalizam, individualmente, autores, cujas líricas, embora valorizadas em seus respectivos países, são pouco conhecidas fora do continente africano, figurando, assim, à margem da produção literária consagrada pelo Ocidente. Três desses ensaios tratam de autores cabo-verdianos; um, de autor angolano, e o outro, de autor guineense. Avani Sousa Silva analisa a obra de um importante poeta cabo-verdiano, Corsino Fortes, cuja poética tem reconhecimento não só em Cabo Verde, mas também junto à comunidade de língua portuguesa; contudo, mesmo assim, ainda não possui a devida visibilidade. Érica Antunes escolheu focalizar poetas contemporâneos de Cabo Verde, em cujas obras Manuel Bandeira é uma presença constante; a autora busca evidenciar como, mesmo intertextualizados com um poeta canônico brasileiro, os poetas cabo-verdianos ainda são desconhecidos da maioria dos leitores no Brasil e na Europa. Flávio e Fernanda Botton escrevem

a duas mãos um ensaio acerca do poeta angolano João Melo, cuja poesia, em Angola, não se encontra à margem do cânone, mas, em muitos outros países, é pouco conhecida. Já o artigo de Robson Lacerda Dutra versa sobre poemas e composições musicais de José Carlos Schwarz, destacando a contribuição desse poeta para o desenvolvimento político-cultural da Guiné-Bissau, cuja literatura é uma das mais ignoradas e marginalizadas; este ensaio mostra alguns desdobramentos da teoria pós-colonial e da arte poética associados às interseções, por meio das quais o referido autor guineense se tornou uma voz de conscientização, memória, emoção e amor, em seu país natal. O último ensaio, de Simone Caputo Gomes, apresenta o mais novo livro de Filinto Elísio, *Diversa prosa de quase verso*, demonstrando que a arte poética e cinética desse poeta é um ponto alto da literatura cabo-verdiana contemporânea, pois joga com conceitos de inter e intratextualidade, intersemiose, interatividade, transdisciplinaridade.

Pela discussão e diversidade de líricas aqui reunidas, no âmbito das literaturas brasileira, portuguesa e africanas de língua portuguesa, acreditamos que este número 11 da revista *Diadorim* seja um instigante convite à leitura, na medida em que contribui significativamente para repensar a questão do cânone e da margem nessas letras, advertindo que a mais importante consagração literária se encontra nos poemas capazes de alcançarem “aquela misteriosa hesitação do pensamento entre o som e o sentido”, aquela “delicadeza na consideração da alteridade”, que fazem “doer as mãos dos poetas” e conseguem “suspender a respiração da crítica”.